João Brígido: uma revisão histórica

João Alfredo Montenegro (*)

São numerosos os artigos e apreciações críticas sobre a pessoa e a obra do denodado jornalista, historiador e político.

Com poucas excepções, todos mantêm um tom monocórdico, levantando as reações corajosas ou destemperadas do panfletário diante das provocações dos adversários/inimigos ou de situações de clamorosa injustiça, ou sustentando a oralidade e a intuição sociológica na narração dos acontecimentos e de quadros da realidade cearense, ou ainda combatendo públicas administrações e o comportamento de políticos que caiam no seu desagrado.

Cabe ao historiador aparelhado hoje com novos recursos metodológicos, atualizar os estudos sobre o admirável lutador, utilizando conceitos mais apropriados e seguros na seqüência de perspectivas mais aprofundadas e atentas à interdisciplinariedade, a um nível exegético que verticalize as diversas estruturas narrativas, as linguagens perfilhadas pelo nosso personagem.

A partir daí é que se podem apreender certas distinções ou estabelecer significados de algumas colocações importantes por ele feitas, ou encaminhar inferências valiosas que redundem numa visão renovada de uma escritura.

Nesse sentido, abrir-se-ia mesmo a possibilidade de se aperfeiçoar ou completar algumas raras intuições de historiadores ou articulistas ainda eivadas do factualismo, intuições essas que clareiam de súbito a ponta de um novo horizonte por onde devem entrar os pesquisadores, certos de que por aí se darão bem.

Historiador daquela estripe, Hugo Catunda deixou em clarividente página da imprensa de Fortaleza[1], intitulada "João Brígido, o

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

[1] Unitário, 15-7-1948.

jornalista e o político", observações prestimosas que enriquecem o nosso tema, confirmando justamente o que se disse acima e argüindo o imperativo de abordá-lo com mais cuidado.

Assim:

> *"Desprezando a exegese profunda de sua obra e análise interpretativa da sua significação social e humana, os seus biógrafos recordam apenas a inclemência da farpa esfuziante com que a ferina dicacidade de J. Brígido, zurzindo homens e cousas, criou um anedotário maravilhoso que a lenda desfigura em exageros – apesar disso erigidas em verdade histórica pela fácil sedução do pitoresco".*

E o mesmo Hugo Catunda desenvolve aí uma argumentação que merece ser retomada e amadurecida, acerca do campo das idéias em que adentra João Brígido e da penetração psicológica de que é dotado, descendo à análise de costumes sob a ação de estilo dinâmico que cobre uma acesa dialética entre reminiscências do passado, uma forte memorialística e problemas do presente, alcançando o que denomina "filosofia dos acontecimentos".

Por igual acentua o jornalismo doutrinário que praticou, de fundas implicações na percepção do pensamento de João Brígido, a reclamar urgente tratamento, para a dilucidação de uma vertente do Liberalismo entre nós e do materialismo de que se acusava adepto.

Como se vê, historiadores e jornalistas, integrando aquelas honrosas excepções, têm trazido indicações preciosas, constituindo fontes de informações para trabalhos ligados à dita revisão histórica.

Assim, o grande Antônio Drummond, fundador da "Gazeta de Notícias", oferece um contributo inestimável aos estudiosos quando afirma:

> *"Divergimos do senso comum quando considera João Brígido um jornalista na mais ampla acepção do vocabulário: somos dos que o enfileiram entre os nossos mais eminentes publicistas – denominativo que melhor se coaduna com os seus escritos.*
>
> *"Pelo versar diuturno dos problemas de interesse público e por terem sido as gazetas o veículo de seus estudos e de*

seus ensaios, supõe-se que João Brígido era o tipo modelar do jornalista, quando a sua feição precípua era a publicista." [2]

E prossegue o mestre da imprensa cearense fortalecendo a distinção entre as duas áreas.

Preceitua que tal distinção é bastante sutil, como a existente entre o tribuno e o orador.

Mas é o caráter intelectual do discurso que faz o publicista, embora constante das páginas dos jornais, dos periódicos. Assim como outros de renome na imprensa nacional.

Importante sublinhar, por outro lado, que as idéias libertárias de João Brígido comungam com o seu materialismo, a repercutirem em seus posicionamentos com respeito às questões sociais, na crista do avançado secularismo, muito próprio de um período que forcejava por se libertar das injunções eclesiásticas.

Havia, no país, uma tendência generalizada de se incrementar a autonomia do Estado, até mesmo a sua soberania, face ao poderio político da Igreja e, na continuidade do processo, face ao avanço das oligarquias que, com a República, fortalecem o seu poder nos Estados-membros, envolvendo-os e instrumentalizando-os.

De sorte que eles perdem muito de seus objetivos primordiais, desfigurando-se na missão pública a que foram chamados.

E, inegavelmente, assumem um forte ranço privatista/patrimonialista.

Vêm daí os desmandos, a corrupção sem freios, a privatização da instância pública, numa espúria aliança entre proprietários de terras e os agentes do Estado.

É através do jornalismo doutrinário que se firma a crítica mais sadia aos abusos cometidos em decorrência desse estado de coisas, desse aviltamento da função pública, permitindo que a elaboração do pensamento político, social e econômico se fizesse com mais propriedade e alcance no sentido da organização e aperfeiçoamento do Estado, das instituições políticas. Algo que transcorre em partilha com os acontecimentos, com um cotidiano que desnuda cruamente a realidade.

[2] Unitário, 7-12-1948.

Nisso se identifica melhor a nota ideológica daquele pensamento, a se circunscrever às circunstâncias emergentes.

Tal proporciona a concreção requerida pela doutrina, instaurando um significativo enlace entre a teoria e a *praxis*, não chegando, é verdade, a um grau ótimo de funcionalidade do pensamento, dadas as condições estruturais do período, porém incentivando uma percepção mais clara dos problemas que, de outro ângulo, encontravam uma abordagem mais densa entre alguns teóricos do Liberalismo, nas suas correntes conservadora e radical.

Impõe-se, a esta altura, examinar algumas teses ou propostas de João Brígido, nessa matéria.

Entre nós, ele foi o que mais o cultivou, e com alto descortínio, utilizando linguagens que se processam em diferentes níveis, alcançando mesmo o panfletário, quando disseca energicamente mazelas e combate, personalismos exacerbados, embora seja ele também um vigoroso personalista.

E o teor doutrinário em apreço ganha mais consistência a partir de constatação de que João Brígido inclui nas suas análises e reflexões o espaço social, trazendo à mira do leitor retratos realistas da sociedade cearense, carências estruturais e conjunturais, episódios desabonadores ou reflexos da pobreza dos valores em jogo, da visão da elite, do atraso da população, vitimada por assustador analfabetismo e pela falta de recursos.

É nesse contexto que as leis se fazem inoperantes, alheias aos condicionamentos socioculturais do país, mormente as regiões mais atrasadas.

A respeito, o admirável jornalista dá-nos profunda lição, ainda hoje válida.

No artigo intitulado "Crescer para Baixo"[3] tece uma sólida argumentação articulando legislação e cultura local, continuando a ser exigida nos dias atuais, principalmente quando começa a se valorizar e pôr em prática a participação popular nos destinos das comunidades espalhadas por este país afora, justamente no instante em que aflora com vigor uma intensa crise institucional, em conse-

[3] Unitário, 6-7-1915.